



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DA EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

BRUNA SOUZA E SOUZA

**A ALFABETIZAÇÃO E TRAJETÓRIA DE UMA RIBEIRINHA: DA
EDUCAÇÃO BÁSICA AO ENSINO SUPERIOR.**

GURUPÁ, PARÁ
2023



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ – REITORIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DA EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Bruna Souza e Souza

**A ALFABETIZAÇÃO E TRAJETÓRIA DE UMA RIBEIRINHA: DA
EDUCAÇÃO BÁSICA AO ENSINO SUPERIOR.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação, do *Campus* Universitário de Altamira, da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Professor orientador: MSC. Marconde Ávila
Bandeira

GURUPÁ, PARÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S719a Souza, Bruna Souza de.
a alfabetização e trajetória de uma ribeirinha: da educação
básica ao ensino superior / Bruna Souza de Souza. — 2023.
29 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Marconde Ávila Bandeira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Educação, Altamira, 2023.

1. Educação-básica. 2. ribeirinhos. 3. alfabetização. I.
Titulo.

CDD 370

**A ALFABETIZAÇÃO E TRAJETÓRIA DE UMA RIBEIRINHA: DA
EDUCAÇÃO BÁSICA AO ENSINO SUPERIOR.**

Elaborado por

BRUNA SOUZA E SOUZA

Como requisito para obtenção do grau de

Licenciada em Pedagogia

Apresentado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. MSC. Marconde Ávila Bandeira (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Bezerra (Membro da Banca Examinadora)

Profa. MSC. Raimunda do Socorro Rodrigues (Membro da Banca Examinadora)

DEDICATÓRIA

As crianças ribeirinhas, em especial meus sobrinhos, Rosa e Davi.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu maravilhoso Deus, que me sustentou e me cingiu de forças nos momentos difíceis. Meu amado pai José Quintino e minha amada mãe Humbertina, obrigada por todo amor e confiança, por sempre acreditarem em mim, vocês são os principais responsáveis por este momento.

Ao meu querido esposo Venicio Junior, por ser meu porto seguro e não me deixar enlouquecer com ABNT.

Minha gratidão a minha pequena Ana Sophie que sem entender me dava forças para continuar, todas as vezes que repetia “mamãe eu te amo”.

Meus irmãos Maicon Fabricio, Marcelo Bruno e Gabriela Souza pelo apoio e incentivo incondicional.

Ao meu orientador Prof. MSC. Marconde Ávila Bandeira, pelas correções e ensinamentos.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1 FUNDAMENTAÇÃO TÉORICA | 10 |
| 2 METODOLOGIA | 13 |
| 3 UMA RIBEIRINHA EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO | 13 |
| 3.1 DO BARRACÃO AO ESCOLÃO | 15 |
| 3.2 ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL..... | 16 |
| 3.3 TURMAS MULTISSERIADAS | 17 |
| 3.4 O MEIO DE TRANSPORTE E O PERCURSO ATÉ A ESCOLA | 18 |
| 3.5 A MERENDA ESCOLAR..... | 20 |
| 3.6 A MARÉ BAIXA | 21 |
| 3.7 ENSINO MÉDIO..... | 22 |
| 3.8 A DOCÊNCIA | 24 |
| 3.9 O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR | 26 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 27 |
| REFERÊNCIAS | 29 |

A ALFABETIZAÇÃO E TRAJETÓRIA DE UMA RIBEIRINHA: DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO ENSINO SUPERIOR.

BRUNA SOUZA E SOUZA

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia (2019)

Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica

Faculdade de Educação-Campus Universitário de Altamira-Universidade Federal do Pará

E-mail: brunazhs19@gmail.com

Resumo: O presente trabalho é uma abordagem qualitativa, por meio do método narrativo aborda a trajetória de uma ribeirinha do Rio Cojuba, localizado no município Gurupá-Pará, da educação básica ao ensino superior. Tem por objetivo identificar e analisar as ações estratégicas para educação pública ribeirinha no município de Gurupá-Para, relatando os desafios e dificuldades, enfrentadas diariamente pelos alunos de uma comunidade ribeirinha localizada no Pólo Cojuba, explicitar as consequências que a falta de estrutura no âmbito educacional tem acarretado no desenvolvimento do ensino aprendizagem dos alunos da educação básica ofertada para o campo. Bem como, constata-se a aplicação de algumas mudanças compatíveis com a realidade local, favorecendo o acesso e permanência dos alunos na escola.

Palavras-chave: Educação-Básica; ribeirinhos; desafios; alfabetização.

INTRODUÇÃO

A alfabetização é a apropriação do sistema alfabético, que acontece nos anos iniciais do ensino fundamental, este é um processo que possibilita a criança novas experiências, a ingressão ao mundo das palavras, eleva a autonomia da criança por meio da leitura e escrita. E este processo de aprendizagem não é díspar aos outros, a alfabetização tem seus desafios.

O tema alfabetização e poder não começa e termina com o processo de aprender a ler e escrever criticamente; ao contrário, começa com o fato da existência de cada um como parte de uma prática historicamente construída no interior de relações específicas do poder (FREIRE; MACEDO, 2011, p. 31).

Os ribeirinhos fazem parte da família de comunidades tradicionais do Brasil, estes povos possuem muitas particularidades, algumas muito semelhantes à dos povos indígenas, uma delas é o modo de firmamento de suas histórias e raízes que durante um longo tempo foi mantida pelo uso da oralidade, devido ao analfabetismo. O acesso à educação básica nem sempre foi parte da realidade das comunidades ribeirinhas assim como das demais comunidades do campo, este acesso é resultante de lutas travadas pelo coletivo de comunidades minoritárias. Ainda assim, não era uma educação compatível com a realidade do camponês, que persisti para que as suas particularidades sejam reconhecidas e consideradas, como rege a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/1996 (LDB/96).

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoveram as adaptações necessárias à sua adequação às particularidades da vida rural e de cada região, especificamente.

- I. Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas as reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II. Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;
- III. Adequação do trabalho na zona rural (BRASIL,1996).

Neste sentido, questiona-se: como são as ações de alfabetização na Educação Pública ribeirinha e os desafios enfrentados pelos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental no município de Gurupá – Pará? Assim, objetiva-se refletir sobre minha trajetória como aluna da educação pública ribeirinha no município de Gurupá-PÁ. Ainda especificamente visa-se: 1) Identificar as ações estratégicas previstas para a alfabetização na Educação Ribeirinha municipal de Gurupá – Pará; 2) apresentar os desafios diários enfrentados pelas crianças na Educação ribeirinhas do Rio Cojuba situado no município

de Gurupá-PÁ e; 3) analisar os desafios enfrentados e seus impactos na alfabetização na Educação ribeirinha municipal de Gurupá – Pará.

As experiências vivenciadas, pela autora integrante de uma comunidade tradicional ribeirinha e os desafios enfrentados no Ensino Fundamental, como aluna, da E.M.E.F. Quintino Tomaz de Souza, sede do Pólo Cojuba, durante o primeiro e último ciclo, do Ensino Fundamental e as observações e reflexões feitas a partir da docência, em um breve período de tempo, no ano de 2018, na E.M.E.I.F São Benedito da Ilha do Uriboca, a qual é integrante do grupo de escolas que compõe o Pólo Cojuba, determinaram a importância de pesquisar sobre os desafios enfrentados pelos ribeirinhos no processo de alfabetização.

Na realidade ribeirinha, o acesso à escola sempre apresentou muitas barreiras, nessa perspectiva, quando se trata da alfabetização em escolas ribeirinhas, é preciso se levar em consideração as particularidades dessas comunidades, para que seja garantido o acesso e permanência dos alunos na escola. E considerando o elevado número de alunos não alfabetizados dentro do tempo previsto pelo Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014), se faz necessário, pesquisar os fatores internos e externos à escola que tem influenciado de forma negativa no processo de alfabetização da população ribeirinha, do município de Gurupá, pondera-se que, a partir da identificação dos desafios e dificuldades enfrentadas, é que se tem a probabilidade de se pensar em possíveis estratégias que favoreçam a superação desses entraves, promovendo um impacto positivo no âmbito educacional ribeirinho.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação no campo é uma modalidade educacional, direcionada aos espaços rurais, que engloba os espaços agropecuários, florestas e minas, chegando até as áreas pesqueiras, ribeirinhas, caiçaras e extrativista. Essa modalidade surge como uma contrapartida ao modelo tradicional de educação, na tentativa de estabelecer um modelo adequado e direcionado ao campo e o que se entende por área rural.

A educação no campo, segundo Arroyo et. al. (2008) a partir desse pensamento, seguimos para o surgimento das leis e políticas públicas e políticas educacionais, direcionada para atender de forma específica essa demanda, democratizando o processo de ensino aprendizagem sem que haja banalização do mesmo.

A educação no campo, concebe os sujeitos através das suas raízes, história, cultura e sua relação com o meio ambiente e com o coletivo, com aquele sujeito que busca a compreensão de ser através do meio em que ele absorve o seu próprio mundo, de forma, entender o seu próprio existir coletivo junto com o seu ambiente. Nesse contexto, Arroyo, Caldart, Molina (2004, p.12) afirmam que,

[...] se entende por educação no campo, um movimento de ação, intervenção, reflexão, qualificação que tenta dar organicidade e capacitar, registrar, explicitar e teorizar sobre múltiplos significados históricos, político e cultural, consequentemente formadores, educativos. A Educação no Campo então é uma ação que vai interferir de forma reflexiva para organizar, buscar, experimentar e teorizar qualitativamente os diversos significados e conhecimentos históricos, políticos e culturais de um povo do campo, para ir em busca de novas possibilidades.

Sendo assim, a Educação no Campo, entende, compreende e concebe o seu personagem educacional dentro do seu próprio ambiente de vivência, assim pode se entender que, cada pessoa no seu ambiente precisa de uma educação integrada, que entende e que atende de forma efetiva, toda e qualquer necessidade de aprendizagem que ele tem por direito. Para Arroyo (2004), essa educação não está tão longe, pois através das leis e políticas públicas e educacionais, pode se fazer esta ligação e esse acesso e democratização do processo de ensino aprendizagem.

Segundo Arroyo (*apud.* Caldart; Molina, 2004, p.13),

[...] é preciso educar um modelo de agricultura que inclui os excluídos, que amplie os postos de trabalho, que aumente as oportunidades dos desenvolvimentos das pessoas e das comunidades e que avance na produção e na produtividade centradas em vidas mais dignas para todos e respeitadora de limites da natureza.

É desse pensamento inclusivo que as escolas precisam, porque é nela que acontecem o desenvolvimento das novas gerações que irão viver no campo.

Ter amor, respeito pelo meio ambiente são as primícias fundamentais para aquele que quer viver do/no campo, e essa é uma tarefa da escola.

Educar novas gerações dentro da sua perspectiva, mais não as limitar dentro da perspectiva do outro, essa é a missão e também o nosso alvo educacional para a educação no campo, que sofre por muito tempo com estigmas e preconceitos que rebaixam, que limitam e muitas vezes desclassificam os seus agentes educacionais.

Para melhor compreender o processo educacional, que acontece através da modalidade da educação do campo, é necessário desfazer alguns critérios, alguns conceitos empíricos colocado ao longo dos tempos, a onde a educação do campo é vista como uma coisa a parte, como um setor menos necessário, como algo que pode ser feito de qualquer maneira, precisa-se descentralizar a visão educacional urbanizada e fazer com a educação se torne cada vez mais igualitária, muito mais específica e efetiva para aquele público e demanda específica.

Arroyo (2004, p14), escreve sobre a intencionalidade da escola:

A escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, adolescentes, jovens e adultos. Não para fechar-lhes os horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo ou desde o chão que pisam desde suas vivências, sua identidade, valores e culturas, abrir-se-á ao que há mais humano e avançando no mundo.

A escola no campo em especial é um lugar privilegiado pois tem como foco a aprendizagem dos sujeitos do campo, com sua formação voltadas ao conhecimento e as culturas, aos valores e a identidade dos sujeitos do campo, sejam crianças ou adolescentes, ou até mesmo suas famílias, que, como parceiras são coadjuvantes no processo do ensino aprendizagem. Isso quer dizer que a escola tem muitas responsabilidades de trabalho, trazendo as famílias e os parceiros dos agricultores e indo até eles com visitas e aulas de campo nas propriedades do aluno.

Arroyo (2004), traz essa visão de que a educação no campo tem de ser um processo mais específico, um processo que não vai apenas conceber e receber aquele aluno no seu local de educação, na sua sala de aula, na sua escola, mas que também abrange toda à cultura, toda à rotina daquele aluno tanto dentro, quanto fora da escola, envolvendo também a família daquele estudante incluindo a comunidade educacional daquele espaço para que o processo de ensino aprendizagem não seja somente alfabetização e letramento, mas também, um próprio conhecimento do seu ser, de quem sou eu e do espaço em que ele vive.

Do ponto de vista de Arroyo (2004), é perceptível entender que, além de direito assegurados, as políticas públicas são necessárias para que esse aluno não tenha uma experiência de que esteja recebendo uma educação de obrigatoriedade, mais sim uma educação de qualidade, um ensino que não se diferencia das características de aprendizagem urbana, mas, que entende, compreende e concebe às suas necessidades do seu espaço de vivência.

2 METODOLOGIA

A alfabetização vai muito além da decodificação dos grafemas e seus respectivos sons. Freire (2011, p.31), descreve este processo como, “uma relação dialética dos seres humanos com o mundo, por um lado, e com a linguagem e com a ação transformadora, por outro”. Deste modo, a alfabetização ribeirinha está ligada a valorização do sujeito do campo e suas culturas. Esta abordagem será qualitativa, pois “[...] responde a questões muito particulares [...]”, sobretudo, “[...] com o universo dos significados, dos motivos, das aparições, das crenças, dos valores e das atitudes. [...]” (MINAYO, 2021, p. 20).

Quanto ao método foi pela pesquisa narrativa, haja que discorrera sobre detalhamentos de contexto históricos de experiências vividas unicamente ou coletivamente pelos atores sociais, mais conhecida como a “[...] “arte de contar boas histórias” [...]”, como também “[...] “boas narrativas” [...]” (GIL, 2021, p.121-122). Portanto, a pesquisa foi abordada do cotidiano dos alunos do Ensino Fundamental de uma escola municipal ribeirinha de Gurupá - Pará.

3 UMA RIBEIRINHA EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Meus pais, por falta de oportunidades, tiveram pouco acesso à escola, em uma época em que a educação para o camponês era apenas um sonho, em meio a muitas dificuldades, tendo que conciliar o trabalho e a escola meu pai José Quintino conseguiu concluir o ensino fundamental. Já minha mãe, apesar de seus esforços, o sonho de estudar foi interrompido, na primeira etapa do ensino fundamental, no ano de 2003, ela tentou retomar os estudos, todavia, cuidar de quatro crianças, e ser uma aluna ativa, não era nada harmonioso, então, ela decidiu, que esse sonho teria que ser adiado, por mais algum tempo.

Meus pais, são ribeirinhos natos do Cojuba, ao contrário do que muitos acreditam, a vida do camponês é bastante árdua, meus pais sempre acreditaram que a educação pode transformar a realidade do ser humano. Em meio a está fé, eles nunca mediram esforços, para que eu e meus três irmãos, tivéssemos pleno acesso à educação. No ano de 2003, quando eu tinha 6 anos de idade, foi efetuada minha primeira matrícula, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Bom Jesus, localizada as margens do rio Cojuba. No início da década de 2000, a Educação Infantil não era ofertada para o campo; logo, ingressei na 1ª série do Ensino fundamental, o qual era fracionada em duas etapas: 1ª série fraca e 1ª série forte, na primeira etapa, se dava início ao processo de alfabetização, por

meio do método pedagógico tradicional, o famoso “decoreba”. Memorização da cartilha do ABC e da tabuada, soletração de sílabas e palavras; a cultura e o conhecimento de mundo, não era considerado, calando o ser cultural do camponês.

Há, sem dúvida, uma alta correlação — particularmente no campo — entre estagnação econômica e social e analfabetismo, mas os homens das elites, responsáveis diretos pela estagnação e pela falta de escolas, traduzem esta correlação numa linguagem equívoca e falsa. Criam uma imagem preconceituosa sobre os trabalhadores do campo e sobre todos os demais setores marginalizados do processo político. Passam a associar com muita facilidade a “ignorância”, isto é, a ausência de cultura formal no estilo das classes médias e dos oligarcas, à “indolência” e à “inércia” (FREIRE, 1967, p.13).

O etnocentrismo, foi uma das práticas, que afligiu, por um período bastante extenso, as escolas, situadas em meio aos grupos minoritários, e naturalmente, rendia prejuízos no desempenho dos alunos. Com as transformações ocorridas, no campo da educação, especificamente no século XXI, situam-se enfoques, de um ensino de qualidade, comprometido com a formação instrutiva do indivíduo. Neste sentido, faz necessário, reconhecer o educando, quanto sujeito social e portador de cultura, refletindo, sobre os estorvos que carecem ser rompidos, permitindo ao educador identificar, meios contribuintes para a promoção da aquisição da aprendizagem.

A escola hoje não pode limitar-se a passar informação sobre as matérias, a transmitir o conhecimento do livro didático. Ela é uma síntese entre a cultura experienciada que acontece na cidade, na rua, nas praças, nos pontos de encontro, nos meios de comunicação, na família, no trabalho etc., e a cultura formal que é o domínio dos conhecimentos, das habilidades de pensamento. Nela, os alunos aprendem a atribuir significados às mensagens e informações recebidas de fora, dos meios de comunicação, da vida cotidiana, das formas de educação proporcionada pela cidade, pela comunidade. O professor tem aí seu lugar, com o papel insubstituível de provimento das condições cognitivas e afetivas que ajudarão o aluno a atribuir significados às mensagens e informações recebidas das mídias, das multimídias e formas diversas de intervenção educativa urbana. O valor da aprendizagem escolar, com a ajuda pedagógica do professor, está justamente na sua capacidade de introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência por meios de mediações cognitivas e interacionais (LIBÂNEO, 2001, p. 40-41 *Apud*. FERREIRA).

Mamãe, não estudou muito, mas o bastante, para que pudesse alfabetizar seus quatro filhos com excelência, refletindo sobre seus métodos, percebo, o seu esplêndido talento para alfabetizar, enquanto muitos professores se detinham a cartilha do ABC, ela procurava meios inovadores e atrativos, trabalhava a coordenação motora, nos ensinando a fazer utensílios de barro (argila), sempre que podia, fazia massinha caseira, que usávamos para reproduzir as letras do alfabeto, sempre que podiam, ela e papai também investiam em livros com histórias infantis, como resultado, eu meus irmãos começamos

a dominar a leitura, antes de ingressar na educação básica, ser alfabetizada em casa, foi uma grande dádiva. Cursei a primeira etapa da 1ª série na E.M.E.F Bom Jesus.

3.1 DO BARRACÃO AO ESCOLÃO

A escola Bom Jesus, atendia da 1ª série a 8ª série, do Ensino Fundamental, e funcionava no barracão catequético, cedido pela comunidade Bom Jesus, o espaço era dividido com lona, assim formando algumas salas, onde eram ministradas as aulas, como o ambiente não era suficiente, uma das turmas tinha suas aulas ministradas dentro de uma das embarcações, usadas como transporte escolar. Ainda no ano de 2003, deu-se início a construção do primeiro prédio escolar do Rio Cojuba, de início permaneceria com o nome de Bom Jesus, por ficar localizada próximo ao barracão catequético, antes cedido para ministrações das aulas.

Durante o período de construção, em uma conversa de um morador local, conhecido por “Zeca Souza”, e um dos carpinteiros da obra, surgiu a ideia, de homenagear alguém local. Cogita-se o nome do senhor Quintino, o qual foi um grande influenciador, da economia local e na agricultura se destacava, pelas extensas plantações de cacau, e também foi um grande pecuarista, conhecido por sua vasta riqueza, e as histórias contadas, ressaltam que foi um grande defensor da natureza. Faleceu, no ano de 1970, deixando um grande legado.

Seu “Zeca”, foi em busca dos 4 filhos, de seu Quintino, que residiam no Cojuba, havendo consenso total entre eles, permitindo o uso do nome, de seu falecido pai, a ideia foi apresentada para a comunidade geral e aceita. Desta forma, o prédio escolar em construção, recebeu o nome de E.M.E.F QUINTINO TOMAZ DE SOUZA; pertencente ao Pólo Carrazedo, posteriormente foi desintegrada, tornando-se, escola sede do Pólo Cojuba.

Figura 1 - "Escola Municipal Quintino Tomaz de Souza"



Fonte: Acervo da autora (2022).

No ano de 2004, o número de alunos matriculados avolumou-se consideravelmente, em consequência, o espaço do barracão, não era mais suficiente, por esse motivo, migramos para o prédio da escola, antes mesmo da obra ser entregue, pois ainda faltavam alguns detalhes para ser concluídos, entre eles o nome da escola, o qual passou mais de uma década sem identificação, somente no ano de 2020 foi afixada a placa com seu o nome.

A escola Quintino Tomaz de Souza, é constituída por sete salas de aula, uma secretaria/biblioteca, cozinha e um refeitório, primordialmente atendia da 1ª a 8ª série do Ensino Fundamental, atualmente a escola atende aos alunos das modalidades, educação infantil, Ensino Fundamental ciclo I e ciclo II e, a Educação de Jovens e Adultos, devido as peculiaridades locais, a escola atende apenas no turno matutino, de forma semelhante à muitas outras escolas do campo.

A E.M.E.F Quintino Tomaz de Souza é caracterizada pelas suas turmas multisseriadas. Nela cursei a segunda etapa da 1ª série, e a maior fase do ensino fundamental, no período de 2006 a 2010, estudei em uma escola urbana, no município de Almeirim, onde havia uma melhor oferta de ensino. Haja vista que o ensino ofertado nas áreas urbanas era melhor, porém, viver afastado das raízes, é o difícil, em 2011, após quatro anos, voltei a viver com meus pais e a para educação ribeirinha.

3.2 ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Iniciei a segunda etapa do ensino fundamental, como era denominada na época, em uma renomada escola urbana, na cidade de Almeirim/PA, era uma escola de regime religioso da denominação Católica Apostólica Romana, a instituição é regida pela igreja católica, porém não é uma escola somente de alunos católicos, seu corpo discente é formado por alunos de diversas crenças, ofertando um ensino de qualidade e laico. Em sua grade curricular, havia a oferta de dez disciplinas, todas obrigatórias, entre elas o ensino de Língua estrangeira (inglês), cada disciplina, era ministrada por um professor com formação específica, na área que lecionava, integrei nessa escola, por dois anos.

A partir do ano 2011, eu regressei para a casa dos meus queridos pais, matriculada mais uma vez, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Quintino Tomaz de Souza, escola ribeirinha, situada no município de Gurupá/PA. Ingressei a 7ª série, do ensino fundamental, apesar dos desafios e dificuldades, presentes diariamente, na rotina escolar, meus pais insistentemente, incentivavam a mim e meus irmãos, para que permanecemos

estudando. Papai costuma ressaltar, que, “o peso de uma caneta, é bem mais leve que o de uma inchada”, essa frase, não tem o mínimo intuito de diminuir, o trabalhador rural, mas, sim, exemplificar a quão árdua é a sua rotina.

Art. 205. A educação, direito de todos é dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Considerando que, a educação básica é o essencial, e de suma importância para a construção de uma sociedade saudável, logo deveria ser, uma preocupação de todos zelar pelo acesso e permanência, das crianças, adolescentes e jovens na escola. No último ciclo do ensino fundamental considerando os pré-estabelecidos, pelo Plano Nacional de Educação, o estudante iniciaria com 11 anos e concluiria os 14 anos de idade, porém, em algumas áreas rurais do município de Gurupá, ainda é muito corriqueiro a distorção de idade série, e isto está relacionado a diversos fatores, específicos de cada região.

Uma proposta educacional, que tem por objetivo principal, um modelo de educação, específico para o campo, é mediano, razoável, aceitável, mas ainda não é o ideal; quando citamos as comunidades rurais/comunidades do campo, se trata de uma pluralidade de comunidades, inundadas por suas particularidades, e são essas singularidades, que reforçam, que jamais, pode existir um molde imutável de educação, o quanto é indispensável, que tenhamos a oferta, de uma educação pensada e apropriada, de acordo com as especificidades da região onde será executada, e em meio a esta oferta, o padrão de qualidade, garantido no inciso VII, do Art. 205 da Lei de Diretrizes e Bases, deve obrigatoriamente está presente (BRASIL, 1996).

A educação básica, ao mesmo tempo que é uma conquista para o ribeirinho é muito desafiadora, são inúmeras as dificuldades enfrentadas desde educação infantil, e aqui será exemplificada alguns desses desafios.

3.3 TURMAS MULTISSERIADAS

As turmas multisseriadas, são facilmente encontradas, no interior de todo o Brasil, principalmente nas comunidades estabelecidas no campo.

Classe Multisseriada é uma organização de ensino nas escolas rurais para agregar educando de duas ou mais séries/anos em uma mesma sala, com apenas um (a) professor (a), historicamente as classes multisseriadas tornaram-se uma estratégia para solucionar o acesso à escolarização de um número reduzido de crianças e jovens presentes no campo (SANTOS, 2014).

Essas classes, não são tão somente um desafio para o aluno, mas também uma grande responsabilidade para o educador, que precisa administrá-la. A multissérie é bastante corriqueira no polo Cojuba, assídua desde a educação infantil. Nas escolas localizadas no rio Cojuba, englobando as ilhas, do Uriboça e Capivara, essas classes se justificam pela ausência de professores devidamente formados na área, para atender as crianças da educação infantil e o primeiro ciclo do ensino fundamental; já no segundo ciclo as multiséries são fundamentadas, pelo número reduzido de estudantes.

Na 7ª série deparei-me pela primeira vez como aluna de uma dessas classes multiséries. A turma formada por alunos da 6ª, 7ª e 8ª série, totalizava uma classe com menos de 18 estudantes. As disciplinas ofertadas, eram divididas entre dois professores, que reversavam entre a 5ª série, que possuía um número de alunos suficiente para ser uma turma solo e a turma contendo três séries.

O ensino era ministrado da seguinte forma, os conteúdos de algumas disciplinas eram compactuados, por exemplo os temas trabalhados na disciplina de história possibilitava o professor a fazer uma introdução com o assunto pertinente a 6ª série, e sua continuação aprofundando para os aspectos trabalhados na 8ª série, possibilitando a aprendizagem de ambos, a disciplina de Ensino Sociais era totalmente compartilhada por abranger temas transversais, que poderiam ser discutidos entre as etapas sem gerar prejuízos na aprendizagem dos discentes, essa disciplina é uma compensação por não haver a oferta de língua estrangeira, nas escolas do campo no município de Gurupá, pelo motivo do número mínimo de professores disponíveis.

As classes multiséries são apontadas como uma solução, com intuito de preservar os direitos das crianças, adolescentes, jovens e até mesmo adulto, de ter acesso à educação, podendo estudar em seu local de origem, e há muitos outros argumentos para defender esta prática, que apesar de ser justificada com argumentações certamente aceitáveis, geralmente tem rendido prejuízos no ensino aprendizagem, sobre tudo para o primeiro ciclo da educação básica.

3.4 O MEIO DE TRANSPORTE E O PERCURSO ATÉ A ESCOLA

O principal meio que os ribeirinhos usam para se locomover são através de meios de transportes fluviais, as canoas, catraios, barcos e lanchas. Por tanto, estas são as embarcações que transportam os alunos ribeirinhos de suas residências até a escola.

Talvez alguém questione, porque isto seria um desafio, já que é uma realidade integrada no cotidiano das comunidades ribeirinhas? Entretanto, mais ou menos até o ano de 2010, a única escola que atendia a população de habitantes do Rio Cojuba, ilha do Uriboca e Ilha da Capivara era a E.M.E.F Quintino Tomaz de Souza, o espaço compreendido entre as três ilhas (o lugar denominado Rio Cojuba, é também uma ilha), corresponde a um território muito extenso, tornando-se um grande desafio, referente a acessibilidade dos estudantes, na zona rural especialmente, o meio de transporte é de suma importância para que o aluno camponês tenha acesso a escola.

Figura 2 - "Transporte escolar"



Fonte: Acervo da autora (2022).

No município de Gurupá, Pará, existe a oferta do meio de transporte para os alunos da zona rural, contudo, as condições apresentadas nas embarcações algumas vezes, é que não são favoráveis ao estudante, essas embarcações são propriedade de moradores locais, e são alugadas, para transportar os alunos. Atualmente existem algumas exigências para o aluguel dessas embarcações, entre elas a disponibilidade de água potável para os alunos beberem, e um banheiro.

É válido destacar, que a pessoa que conduz a embarcação, regionalmente chamado de “barqueiros”, não são remunerados, os proventos pagos, são referentes ao aluguel da embarcação e o valor do combustível, utilizado no percurso durante o mês. Infelizmente, essas embarcações não oferecem conforto necessário ao aluno, gerando prejuízos na aprendizagem dos discentes, especialmente para os que moram mais distante da escola, que repetidamente enfrentam uma viagem longa, em assentos inadequados, com o constante som e ruídos do motor da embarcação.

Portanto, este tópico, me traz a memória uma situação que vivenciei aos meus 14 anos de idade, no segundo semestre do ano letivo de 2011, a rota traçada de casa até a escola tinha uma duração de um pouco mais de 2 horas, de viagem, embarcávamos antes das 6 horas, para chegar na escola às 08 horas, nessa época devido a algumas particularidades da região, por exemplo a época de maré seca, tínhamos aula durante três dias da semana, de segunda à quarta feira, iniciando às 08h, e finalizando às 15h; ficou difícil, o aluguel de embarcação para transportar os alunos, os donos dos barcos alegaram, que a compensação financeira não era suficiente, e na tentativa de amenizar os prejuízos, para que não houvesse tanta perda dos dias letivos para os alunos, conseguiram uma embarcação provisória, que lembra bastante a canção “a casa muito engraçada” do poeta Vinicius de Moraes; a embarcação não tinha paredes, não tinha toldo, era apenas o casco de um barco, pela manhã enfrentávamos o vento frio do majestoso Rio Amazonas, no retorno para casa éramos assolados pelo sol, embora isto tenha durado uma semana, foi uma experiência desagradável guardada na memória, uma lembrança do tamanho desrespeito com o aluno do campo.

Durante o inverno chuvoso e frio, aparecem as goteiras no toldo do barco, as viagens se tornam mais turbulentas, devido as constantes tempestades que agitam as águas e promovem a formação de grandes ondas; esses eventos naturais ocasionam medo, e constantemente desafiam os ribeirinhos, esses fenômenos oferecem grande perigo, pois são imprevisíveis, e totalmente além do controle do homem, por estes e muitos outros motivos o percurso até a escola, é sim, um desafio para o estudante camponês, especialmente para a criança ribeirinha aluno da educação infantil, incapazes de cuidar de si próprio, há muito tempo é solicitado a contratação de uma pessoa, para auxiliar as crianças no transporte escolar, lamentavelmente é uma petição não atendida.

3.5 A MERENDA ESCOLAR

A maior parte das famílias do Rio Cojuba, Ilha do Uriboca e Ilha da Capivara, são famílias de baixa renda, que vivem daquilo que a natureza lhes oferece. Muitos dos alunos vão para escola sem nenhuma alimentação matinal, e a fome, é um fator que interfere negativamente na aprendizagem, afetando a concentração do estudante e a interação social, que contribui para um baixo rendimento escolar

A fome, a desnutrição, o fracasso escolar são, antes de tudo, o reflexo de um estado onde direitos e cidadania ainda constituem ideais. É sob a perspectiva de direitos desrespeitados_ ou não conquistados_ que consideramos necessário recupera-los se pretende uma outra concepção da merenda. (MOYSÉS e COLLARES 1995, p.13)

Estes alunos vão à escola com a esperança de obter alguma refeição, e por diversas vezes essa esperança é totalmente frustrada, pela falta de merenda nas escolas ou pela oferta de um alimento atípico no cardápio, alimentos que não de boa qualidade, e até mesmo sem valor nutritivo, como exemplo temos os enlatados, principalmente a salsicha presente no cardápio escolar, rejeitada pela maior parte dos alunos.

O inverno é uma época do ano muito difícil, os recursos naturais disponibilizados pela natureza se tornam extremamente escassos, com a terra coberta de água, é impossível realizar plantações. Nos meses de janeiro e fevereiro até mesmo encontrar peixes para alimentação se torna uma tarefa difícil, prevaricando ainda mais a situação dessas famílias. Em meio a toda essa escassez, é comum que os alunos busquem refúgio na escola.

3.6 A MARÉ BAIXA

Após a primeira quinzena do mês de agosto, a maré começa a ficar cada dia mais baixa, a partir de setembro os estirões de barra de lama começam a ser revelados. A maré baixa de setembro a dezembro, é um dos episódios que mais marcaram a minha trajetória no último ciclo do ensino fundamental, e revela o insistente esforço dos meus pais para que eu e meus irmãos tivéssemos acesso à educação. Quando as barras de lama são reveladas, as embarcações ficam impossibilitadas de chegar até os portos das residências,

a maré é tão baixa que até mesmo alguns igarapés secam, não dá para entrar ou sair por meio de embarcações, a única maneira é enfrentar a lama que chega até o joelho.

Figura 3 - "Alunos da EMEIF São Benedito, no período da maré baixa"



Fonte: Acervo da autora (2022).

Essa era a dura realidade de muitos alunos para poder chegar até a embarcação escolar, quando chegava esse tempo, papai embarcava eu e meus três irmãos em uma canoa e saía empurrando a canoa pela barra de lama de aproximadamente 200 metros, essa cena se repetia em todos os dias letivos às 6 horas, papai ainda dizia que difícil mesmo, era ir nos buscar no retorno da escola, quando a lama estava quente, por volta das 17 horas, e mesmo assim ele continuava se sacrificando, não permitia que pisássemos na lama quente, nos colocava na canoa e empurrava até chegar no porto de casa. Eu e meus irmãos éramos uma exceção em meio aos outros estudantes que lamentavelmente tinham de enfrentar a lama todos dias, pela manhã e tarde.

Em meio a essas dificuldades e desafios, concluí o Ensino Fundamental, no ano de 2012, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Quintino Tomaz de Souza.

3.7 ENSINO MÉDIO

Por não haver oferta do ensino médio na minha comunidade, mais uma vez fui afastada da casa dos meus pais para poder continuar estudando. No ano de 2013, fui matriculada no ensino médio regular, na Escola Estadual de Ensino Médio Marcílio Dias, a única instituição pública que oferta o ensino médio em todo o município de Gurupá.

Para alguns segmentos sociais, cursar o ensino médio é algo “quase natural”, tanto quanto se alimentar etc.[...] A questão está nos grupos sociais para os quais o ensino médio não faz parte de seu capital cultural, de sua experiência familiar; portanto, o jovem, desses grupos, nem sempre é cobrado por não continuar estudando. É aí que está o desafio de criar a motivação pela escola (KRAWCZYK, 2009, p.04).

Deixar o campo, a sua comunidade e principalmente a família é um desafio e tanto para o estudante, e este desafio traz consigo os choques sociais e culturais. A diferença, entre a educação disponibilizada na zona urbana e a ofertada para zona rural ainda é alarmante, mesmo com os avanços e conquistas da educação do campo. O aluno que vem do campo para cursar o ensino médio na zona urbana, traz dentro de si a sua própria bagagem cultural construída em sua comunidade, junto do seu povo. Quando ele adentra em uma escola/sala de aula, que tem um número elevado de alunos da zona urbana, há um estranhamento entre as culturas; a maneira de como se comportam é diferente, a fala e a forma de se expressar, são desiguais.

Em meio a esses estranhamentos de comportamento, por inúmeras vezes surgem as piadas, chacotas, os apelidos do tipo “caboco”, “bicho do mato”, “bocó”, entre outros; essas atitudes muitas vezes ocasionam a desistência do aluno camponês, que por sua vez decide retornar para sua comunidade e continuar a vida, como muitos outros que simplesmente abandonaram a escola após aprenderem a ler e escrever, infelizmente muita gente no campo ainda sustenta a ideia absurda de que, o importante é somente aprender a ler e assinar o próprio nome.

Em uma turma de 50 alunos, no primeiro ano do ensino médio, aproximadamente 38 eram da zona urbana e a minoria eram alunos do meio rural, uns de comunidades quilombolas e outros de comunidades ribeirinhas igual a mim, no início, parecia uma sala segregada, por vezes ouvíamos umas piadas de mau gosto, por parte de algum colega que se achava superior, porque fazia parte do meio urbano, mas isso não era maior que a vontade de alcançar nossos ideais. Com o tempo conquistamos nosso lugar sem renunciar nossa identidade de cidadão do campo. No ano de 2015, com muito êxito concluí o ensino médio.

3.8 A DOCÊNCIA

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser (FREIRE, 1996, p.55).

No ano de 2017, recebi uma proposta para trabalhar em uma escola de educação infantil, na zona urbana do município de Gurupá, com a idade de 19 anos, sem nenhuma experiência, porém disposta a aprender, como já dizia FREIRE, não amadurecemos em uma determinada idade, mas sim todos os dias. Aceitei a oferta, e me agarrei a oportunidade de aprender, com aqueles que tinham alegria de ensinar, compartilhando das suas próprias experiências na docência. Iniciei auxiliando uma professora do jardim II, todos dias eu aprendia um pouco, com ela e as crianças, fui me identificando, e cada vez mais, amando tudo aquilo, acompanhando o desenvolvimento de cada criança, eu pude entender a dimensão da importância da educação infantil.

No ano de 2018, comecei a trabalhar em uma escola no campo, a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São Benedito, localizada na Ilha do Uriboca, na época, era uma totalmente multisseriada, apesar de ser uma escola devidamente registrada, a escola não tinha prédio próprio, e funcionava em uma casa alugada, o espaço era bem pequeno, na frente existia um pequeno pátio, onde ficava as turmas do último ciclo do ensino fundamental, de um lado 6º e 7º ano, bem como 8º e 9º ano no mesmo o espaço. A área de dentro era dividida por paredes provisórias, formando três pequenas salas, de educação infantil, de 1º e 2º ano formava uma turma, o 3º ano, era a exceção ficava sozinho, 4º e 5º ano juntos, o corpo docente era formado por cinco professores.

Ministrando algumas disciplinas do 6º ao 9º ano, a primeira coisa que percebi que os alunos tinham em comum, era o silêncio, refêns de um ensino bancário. Entendi a afirmação de Freire (1996, p. 15), que

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário”.

Compreendi que para obter êxito, antes de tudo, precisava desbancar a ideia de que o professor é o detentor do saber, conscientizar aqueles adolescentes e jovens, de que eles tinham muito conhecimento a compartilhar e incentiva-los a serem críticos, era a minha primeira e maior responsabilidade naquele momento.

Introduzi na rotina diária da sala de aula, rodas de conversa e dinâmicas, repetia diariamente que eu estava lá para aprender com eles, e compartilhar o que eu sabia. Eles riam, e as vezes até diziam, “a senhora é a professora, nós estamos aqui para aprender e a senhora para ensinar, o que temos para lhe ensinar?” com outra pergunta, do tipo, “quantos de vocês sabem remar?” “quem sabe plantar?” “quem sabe pescar ou tirar leite de uma vaca?” “tecer matapi?”; surgiam como resposta.

Essas atividades, eram parte do cotidiano deles, algo que eles consideravam tão fácil, que respondiam, “e quem não sabe?”, e eu lhes dizia, eu, são coisas que vocês precisam me ensinar. Dessa forma, aos poucos consegui fazer com que eles compreendessem que, não existe alguém que saiba de tudo, mas que todos sabem alguma coisa.

Figura 4 - "Desfile 7 de setembro da EMEIF São Benedito"



Fonte: Acervo da autora (2022).

De certa forma, ser professora, apenas com ensino médio não é nada fácil, o sentimento de incerteza, o medo de prejudicar ao invés de contribuir com a educação daquelas crianças e adolescentes eram constantes, algumas vezes esses sentimentos me desestabilizavam e sentia vontade de desistir. A partir das primeiras disciplinas na graduação de pedagogia pelo PARFOR, aconteceu uma revolução, o que antes me desestabilizava, se tornava mais um motivo para eu continuar. Comecei a refletir sobre as praticas que exercia em sala de aula e como podia aperfeiçoa-las, para que pudesse contribuir de forma relevante com o ensino aprendizagem dos alunos.

Freire (1996, p.13), afirma: “Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender.” A docência não se

resume em ensinar, mas sim, sobre o aprender e compartilhar saberes, Paulo Freire, em suas sábias afirmações, explicitava sobre a importância do discente ser consciente, que o educador é um mediador e jamais dono do conhecimento.

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, p.13).

3.9 O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR

No ano de 2017, comecei a cursar a graduação em pedagogia, pela Universidade Pitágoras Unopar (Pólo Breves), por meio da modalidade de ensino a distância (EAD), uma vez por mês era necessário se deslocar até a cidade de Breves/PÁ, para realizar as avaliações presenciais.

Em outubro de 2018, foi disponibilizada a relação com o nome dos contemplados pelo Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR), meu nome não constava na primeira seleção. Após o período de habilitação, houve a repescagem, mais uma vez minhas esperanças foram frustradas, duas semanas após a repescagem, aconteceu a repescagem da repescagem, nesse período eu estava trabalhando na zona rural, fui surpreendida por uma ligação, na qual recebi a boa nova de que havia sido contemplada pelo PARFOR. Minha alegria foi tão grande, que aos prantos, meu coração transbordava de felicidade, agradecendo a Deus.

Após o processo de habilitação, no mês de novembro de 2018, fui surpreendida novamente, descobrir que iria ser mãe. Quando descobri que estava gestante, eu entendi que não ia ser fácil, mas de alguma maneira teria que conciliar duas bênçãos da minha vida. Sobretudo, no primeiro período foi muito mais difícil, haviam enjoos e sonolência, devido a gravidez. Meio a tudo isto, meu avô foi acometido de uma enfermidade e logo desenganado pela medicina, crescendo as dificuldades, acompanhada de incertezas de quão grande era o desafio que estaria por vir.

No mês de julho de 2019, um dia após o término do meu resguardo, iniciou um novo período, e o grande desafio, era passar o dia longe da minha pequena menina. Meus pais novamente expuseram o total apoio, para que pudesse alcançar meus sonhos; minha

mãe ficou longe de sua residência, durante todo o período que eu precisei estudar, para cuidar da minha filha.

Dessa forma, um grande desafio, não só para mim, mas para toda turma foram as aulas no ensino remoto emergencial, durante a pandemia do covid-19, no 4º período do ano de 2020. Os servidores de internet, na cidade de Gurupá/PA são instáveis, nossos encontros virtuais, quase sempre, eram interrompidos pela falta de uma internet de qualidade. As aulas remotas se estenderam durante três períodos, o ano 2021, ficou marcado pelos nossos encontros virtuais.

A graduação, pode passar a impressão de não ser algo tão grande, na concepção de alguns, mas para mim, significava o alcance de uma grande e mensurável conquista. O caminho para se chegar até então foi árduo, recheados de dificuldades, desafios, que por fim nos fortaleceram e revelaram histórias cheias superação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta abordagem buscou-se compreender as dificuldades apresentadas pelas crianças no processo de alfabetização e a grande distorção idade-série, perpetuamente presente, na realidade educacional do Rio Cojuba, Ilha do Uriboca e Ilha da Capivara. Deste modo, faz-se necessário visitar o passado. Refletindo sobre minha trajetória na educação básica no campo, foi possível identificar que as ações para a alfabetização pública ribeirinha no município de Gurupá, possui diversos desafios enfrentados pelos alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

Nesta perspectiva, destaco a falta de estrutura adequada a realidade local, como prédios escolares; transporte escolar irregular, falta de merenda escolar, turmas multisseriadas, professores sem qualificação na área de atuação. Esses fatores, revelam a grande carência de políticas educacionais nas comunidades ribeirinhas. Observando os pressupostos da Educação do Campo, constata-se que as práticas exercidas nas escolas Quintino Tomaz de Souza e São Benedito não são suficientes para caracteriza-las como escolas ofereçam uma educação do campo.

A partir dessas identificações é possível destacar algumas estratégias e avanços, no decorrer do tempo, dentro do âmbito educacional das comunidades aqui citadas, bem como, a obrigatoriedade da Educação Infantil (a partir de 04 anos), a oferta do Ensino Médio por meio do Projeto Mundiar, a adequação do calendário escolar com a realidade

local e a construção de mais uma escola pública com a oferta de Educação Infantil e Ensino Fundamental (E.M.E.I.F São Benedito). Por tanto, apesar de as questões aqui elencadas serem inconclusivas, elas expõem a necessidade do cumprimento das políticas educacionais direcionados para a educação do campo no município de Gurupá-Pará.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Monica Castagna (Org.). Por uma educação do campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 214p.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.

BRASIL. Plano Nacional de Educação (PNE). Lei Federal nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Brasília: MEC, 2001.

FREIRE. EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE; Exemplar Nº 1405, Distribuição exclusiva: EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A. Rua 7 de Setembro, 97 Rio de Janeiro, GB., BRASIL. Direitos desta edição reservados à EDITORA PAZ E TERRA LTDA. Av. Rio Branco, 156 – 12.º andar, s/1222, Rio de Janeiro, 1967.

Freire, 1921-1997 ALFABETIZAÇÃO: LEITURA DO MUNDO, LEITURA DA PALAVRA / Paulo Freire, Donald Macedo; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

Freire, PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

KRAWCZYK. REFLEXÃO SOBRE ALGUNS DESAFIOS DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL HOJE. publicado pela Ação Educativa, em 2009.

Minayo, PESQUISA SOCIAL: TEORIA, MÉTODO E CRIATIVIDADE / Maria Cecília de Souza Minayo (org.); Suely Ferreira Deslandes; Romeu Gomes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

Moysés e Collares, APROFUNDANDO A DISCUSSÃO DAS RELAÇÕES ENTRE DESNUTRIÇÃO, FRACASSO ESCOLAR E MERENDA. Brasília, ano 15, n67, jul/set. 1995.

SANTOS. Edineide da cunha AS CLASSES MULTISSERIADAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO. Publicado em 02 de setembro de 2014, disponível em:

ZIECH. A EDUCAÇÃO DO CAMPO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR, publicado em agosto de 2017.